

SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS CLÁSSICAS NA HOLANDA

Anton D. LEEMAN *

É pouco animador o que há a dizer do ensino das línguas clássicas nas escolas e universidades dos Países Baixos. Em primeiro lugar, a escola: as realidades são, aqui, crise, insegurança, desemprego de muitos alunos, medidas drásticas de poupança tomadas pela autoridade e, até há pouco tempo, necessidade de nivelção (o termo alemão seria igualdade de oportunidades). O único ponto luminoso é o facto de os liceus que continuam a ter latim e grego como cadeiras obrigatórias passarem por uma época visivelmente florescente. Mas, na maioria dos liceus, as línguas clássicas - muitas vezes só o latim - figuram como cadeiras de opção. No exame de aptidão são examinadas sete cadeiras em parte obrigatórias e, em parte, escolhidas pelo aluno. Mas como as universidades praticamente não exigem nenhum curso de latim ou grego, a maior parte dos alunos que tiveram no grau mínimo da escola esta língua põem-na de lado no grau superior. No entanto, os cerca de 900 professores de línguas clássicas continuam a lutar. Há, anualmente, ainda 2.500 alunos que fazem o exame de aptidão a grego (a latim o dobro). No grau mínimo, mais consagrado antigamente à aquisição da língua, tenta-se agora introduzir outros aspectos da cultura clássica, na tentativa de motivar os alunos a continuar as suas cadeiras e dar algo para a vida, àqueles que as abandonam. A consequência inevitável é o facto de os alunos atingirem o grau máximo com menores conhecimentos da língua. No grau superior os alunos têm de se preparar para a admissão, que consta de duas partes:

1ª - De uma tradução dum texto simples em prosa.

* Professor de literatura e língua latina na Universidade de Amesterdão.

2ª - Da interpretação de um ou mais passos com perguntas sobre a forma, o conteúdo e o contexto. É a compreensão do texto o ponto central. No início, esta renovação de objetivos era olhada como algo de positivo. Infelizmente, verifica-se que a preparação da tradução do texto na admissão ganha cada vez mais terreno devido aos conhecimentos da língua serem cada vez menores. Há, agora, uma comissão estatal a trabalhar na revisão da admissão nas línguas clássicas e a compreensão do texto deve ser re-posta. As sugestões desta comissão chocam com a resistência dos professores que ainda vêm na tradução o objetivo principal das aulas. Igualmente enérgica é a resistência a uma cadeira de "cultura clássica" em que os textos são dados aos alunos em traduções e que na Holanda só existem para alguns autores e nem sempre são de boa qualidade. Segundo a opinião de muitos, tal cadeira (se merece esta designação), segundo se diz, daria às línguas clássicas o golpe de misericórdia.

Talvez o mais inquietante seja a ausência de perspectivas que apontam para um dilema insolúvel. Seria necessária uma visão de conjunto, uma imaginação criadora e convergência de opiniões que, infelizmente, não fazem parte das qualidades excelentes dos Países Baixos.

Finalmente, minhas senhoras e meus senhores, não esqueçam que temos ainda 40 liceus "verdadeiros" com um número reduzido de alunos cujo status e prestígio de momento parecem ser intocáveis!

Voltando agora à Faculdade (com uma observação à Universidade de Amesterdão). Os alunos que estudam agora cadeiras de cultura (Línguas, História, etc.) têm a consciência de que a maioria nunca irá pôr em prática as cadeiras escolhidas. O mesmo é válido para a Arqueologia que até há pouco tempo era estudada por muita gente e em liberdade, o que levava oito, nove a dez anos. Com a agora chamada lei de duas fases tudo foi radicalmente mudado. A 1ª fase de estudo limita-se a 4 anos (com a possibilidade de prolongamente por mais dois anos e é completada por um *Doktoral examen*). Numa 2ª fase segue-se uma preparação para a docência de um ano, ou de uma preparação para um ramo científico com a duração de três anos. É provável que isto não esteja mal, mas a esta segunda fase só são admitidos os estudantes que anualmente são selecionados pelo ministério tendo em vista o mercado de trabalho. A grande maioria recebe, com a *Doktoralbulle*, um papel que lhe atribui um certo status na sociedade, mas nenhuma autorização ou direitos. Dito de uma maneira paradoxal: podem ser tudo, mas não na cadeira que escolheram.

Se disserem que isso é a maior loucura que foi criada em termos de universidade, não posso dizer que não tenham, totalmente, razão. Mas tenho algo pior a dizer. Antes do *Doktoral examen*, portanto na 1ª fase, o estudante tem que passar dois graus: um ano de propedêuticas igual para todos que, em especial, abrange literatura latina e grega e língua, depois história antiga, arqueologia, filosofia clássica e linguística, seis elementos de seis disciplinas. É de ponderar que, com a situação actual, os conhecimentos são fracos na maior parte dos casos e que o grego por vezes tem que ser completamente repensado. Quem reprova no exame de propedêuticas não pode continuar o curso. O segundo nível da 1ª fase é de 3 anos. O 1º ano é, novamente, igual para todos e oferece um aprofundamento dos conhecimentos das cadeiras propedêuticas. No 2º e 3º anos o estudante especializa-se, na maior parte dos casos, numa destas cadeiras. Tem três variantes abertas:

- a) Uma de professorado, parte 1 (a parte 2 só pode ser frequentada por poucos dos escolhidos, provavelmente 5 a 10% dos estudantes da 1ª fase;
- b) Uma variante de investigação;
- c) Quem não aspira ou não deseja qualquer oportunidade quanto à profissionalização, pode optar por uma terceira via. Pode utilizar 2/3 do ano livremente. Renuncia de facto à possibilidade de ser um professor ou investigador (sem lugar) mas é designado pelo termo de *Generalist* de Filologia Clássica. Pode, assim, esperar arranjar colocação num Banco ou escritório e ser feliz.

Minhas senhoras e meus senhores, referi-me, há pouco, a uma certa falta de imaginação nos Países Baixos. Retiro o que disse: mal consigo imaginar algo mais fantástico que esta estrutura de duas fases.

À luz disto podem entender que, em Amesterdão, tirámos as nossas conclusões e, com a autorização do Ministério, esboçámos uma espécie de ramo novo que se chama *Latinística* e em que se estuda a literatura e língua de todos os tempos como cadeira nuclear do princípio ao fim, contudo sem preparação para a docência que, à partida, já não leva a nada.

Finalmente aponto como casos notáveis o facto de as línguas clássicas terem acabado na Universidade de Utreque e de a minha cátedra, depois do meu lugar de interino, não vir a ter sucessor.